



Quinzenário • 15 de Novembro de 2014 • Ano LXXI • N.º 1844 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

# Um risco e uma certeza

É mesmo um tónico eficaz para tantas agruras, em face das misérias humanas, registar aqui um naco das palavras memoráveis do Papa Paulo VI, no final do II Concílio do Vaticano, no dia 7 do último mês de 1965: *Aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma de espiritualidade do Concílio*. E mais isto, com tanta beleza e crueza: *No rosto de todo o homem, sobretudo se se tornou transparente pelas lágrimas ou pelas dores, devemos descobrir o rosto de Cristo*. Na verdade, cada ser humano é portador de um mistério bem maior do que cada pessoa.

Neste filão tão rico, a Caridade é, pois, o cerne do seguimento de Jesus, na Igreja, inspirados pelos gestos do Samaritano, em que se mostra o lugar central dos outros e do Outro, revolvendo-se as nossas entranhas, na compaixão pelos feridos da vida. Com este estilo de vida, dos passos de Jesus, os cristãos não se enganam. É um sonho grande, de olhos postos no Servo de Javé, viver a paixão do povo que clama e chora, da humanidade sofredora.

Nas sociedades ocidentais e em várias regiões do mundo até ao Oriente, não se pode passar ao lado das tristezas e angústias

das pessoas do nosso tempo e de cada época histórica. A grave crise económica é a ponta de um icebergue de uma profunda crise moral. A esta situação profundamente injusta conduziram também os desequilíbrios dos países mais ricos e poderosos. A dignidade de tantas pessoas, nomeadamente frágeis e pobres, em diversas zonas e sistemas perversos, é posta em causa e vilipendiada, provocando o seu sofrimento e exclusão social. Para além de tantos rostos, muitos deles publicitados pelos meios de comunicação social que nos desinstalam e perturbam, há outras aflições dolorosas que também nos interpelam, daquelas pobreza escondidas, que não dão nas vistas e que se encontram na vida simples do quotidiano. São.

Continua na página 4

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

# Samaritanos

PAI Américo no último parágrafo de umas notas escritas que nos deixou, nas quais faz um historial da sua vida, diz assim: «**IMPORTANTE** – Notar que em todos estes anos de existência, não se verificou jamais desânimo ou desvio, que nos retirasse do culto do Pobre, em todas as suas modalidades. Somos o samaritano. Obedecemos ao imperativo do Mestre e pretendemos viver como Ele manda: “Hoc fac”.»

Este curto parágrafo condensa em si o espírito do nosso viver: «somos o samaritano», aquele que age na hora de necessidade do próximo.

Este mesmo espírito levou-nos a acolher dois irmãos, por quem sua avó veio interceder entre lágrimas de algum desespero e insegurança. Rapazes com certos problemas de saúde, pelos quais se tornam difíceis de acompanhar e educar, e que viram no corrente ano seus pais a separarem-se e a afastarem-se da sua presença.

A avó escolheu-nos; não lhe perguntei porquê. Disse que nos queria compensar monetariamente, e eu respondi-lhe que não aceitávamos nem um cêntimo. Se queria que acolhêssemos os seus netos não nos voltasse a falar desse assunto.

Tanta gente nos pergunta se o Estado nos dá subsídios. Como poderíamos nós aceitar do Estado aquilo que recusamos dos familiares ou promotores dos rapazes que acolhemos? Sempre recusamos. Não podemos nem queremos servir o Pobre por dinheiro; Ele é coisa santa! Porque havíamos de estender a mão à solidariedade do Estado quando o que nos move é a Caridade face a face com o próximo?

O Ser e o Agir da nossa vida funda-se noutros valores. Incompreensivelmente para o mundo, nós apreciamos em toda a sua plenitude outra síntese de Pai Américo: «A nossa maior riqueza é a nossa Pobreza». Recebemos de graça e damos de graça. Quem nos dá o que temos para dar, faz também à maneira do Evangelho: Que a mão esquerda não saiba o que faz a direita.

Há 75 anos que a Obra da Rua nasceu para os Rapazes da rua, dando-lhes uma estrutura familiar estável. À época, o Povo e o Governo da Nação licenciaram-nos. Fala-se da necessidade de um novo licenciamento. Será necessário que a criança volte a entrar na barriga da mãe depois de já ter visto a luz? O amor ao Pobre alcançou-nos a este ponto: sermos uma luz que brilha e que ninguém pode esconder, apesar de, por múltiplas formas no passado e no presente, a queiram abafar.

Neste mundo de incompreensões e de interesses de vária ordem, o dito dos nossos maiores dão-nos um acréscimo de conforto espiritual: «Quem ama o próximo cumpre plenamente a lei», S. Paulo na sua Carta aos Romanos; e Santo Agostinho diz o mesmo por outras palavras: «Ama e faz o que quiseres». □

## PENSAMENTO

Pai Américo

Somente o amor de Deus atrai, fascina, convence, toca os corações mais calejados, faz das curvas linhas rectas e acende nas almas desejos de perfeição! «Eu vim trazer Fogo à terra.» Este Fogo queima sem consumir e não deixa a gente ter paz.

in Pão dos Pobres, vol. 1, p 173

## Pai Américo

# Vida e Obra em Banda Desenhada

NO pretérito Outubro de 2012 demos início à Comemoração dos 125 anos do Nascimento de Pai Américo.

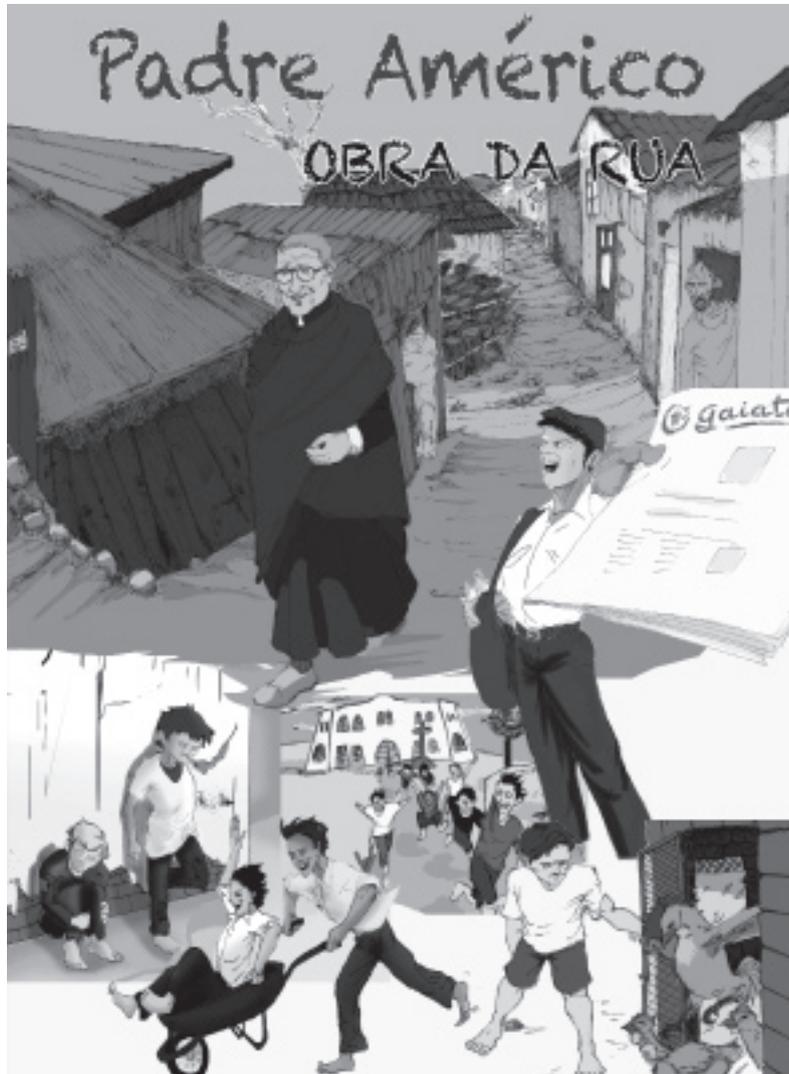
Entre outros momentos celebrativos, começámos nessa data a publicar, em banda desenhada, os passos de Pai Américo na sua vida e obra, que ele chamou de Obra da Rua e que muitos lha atribuíram — Obra do Padre Américo.

Em todo esse ano aniversário, foram saindo juntinho a'O GAIATO os 14 capítulos que compõem essa colecção de fascículos, a cada segunda quinzena do mês, correspondentes a um novo número que era dado ao prelo.

A impressão da Banda Desenhada foi feita a preto e num formato reduzido, para que pudesse acompanhar todos os exemplares d'O GAIATO expedidos para os seus Assinantes e fôssemos capazes de suportar e responder a tempo e horas, à sua composição.

O desejo de publicar a mesma banda desenhada a cores e num formato mais cómodo para leitura, andou sempre a bailar na nossa mente e certamente na de muitos dos nossos Amigos e Leitores.

Agora, esse desejo tornou-se realidade, e é essa novidade que vimos anunciar aos nossos Assinantes, Amigos e Leitores: Tere-



mos disponível, a partir da última semana de Novembro, a Banda Desenhada de Pai Américo, em formato A4, a cores, num volume de 112 páginas.

Os pedidos podem ser desde já feitos para: *Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa*, pelo telefone 255 752 285 ou por e-mail: [obradarua@iol.pt](mailto:obradarua@iol.pt).

# Pelas CASAS DO GAIATO

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**AGROPECUÁRIA** — Depois de vários dias de Sol, a chuva regressou a 2 de Novembro e com vento. Nos olivais, este ano agrícola não foi favorável à azeitona, cuja apanha terminou mais cedo, pois muitos frutos estragaram-se, ficando bichados e mirrados. Trinta sacos de azeitonas foram levados a 4 de Novembro a um lugar de Oliveira do Hospital, onde se extraiu o precioso azeite! Na nossa horta, o couval de couve troncha está muito bonito! A leira de nabijas, ao lado, tem crescido bem. Tem de se arranjar, logo que possível, frangos de carne para o nosso galinheiro.

**DESPORTO** — Os treinos, de preparação física e futebol, vão con-

tinuando aos Sábados, às 15 horas, pois é uma dimensão boa no nosso desenvolvimento. A disciplina é fundamental para correrem bem.

**ENSINO** — O primeiro período já vai adiantado, frequentando os Rapazes várias Escolas: Centro Educativo (1.º Ciclo), Escolas do 2.º e 3.º Ciclos e Secundário de Miranda do Corvo e do Senhor da Serra, e Escola Tecnológica e Profissional de Sicó. No estudo são bem acompanhados pelos nossos Professores destacados, no nosso Centro de Estudo depois das aulas. Para além do interesse pelas matérias, é importante o comportamento correcto. Dos livros usados que nos vão dando, para a nossa

biblioteca, podemos ler obras para a nossa idade.

**VIDA ESPIRITUAL** — No dia 23 de Outubro, foi celebrada a Eucaristia na nossa Casa dos 127 anos do nascimento do nosso querido Padre (Pai) Américo, que veio à luz em Galegos (Penafiel), sendo o último de 8 irmãos! No dia 1 de Novembro, Solenidade de Todos os Santos, e no dia seguinte, Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, rezámos a Missa na nossa Capela. Todos os nossos familiares, os que viveram nas várias Casas da Obra da Rua, os nossos amigos e amigas, e os mais esquecidos do mundo foram lembrados com muita saudade e gratidão! □

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**DIA VICENTINO** — No passado dia 26 de Outubro teve lugar o Dia Vicentino do nosso Conselho Central, cuja organização local esteve a cargo do nosso Conselho de Zona. Demos a nossa colaboração numa reflexão sobre o tema “As principais mudanças sociais em Portugal e o papel dos Vincentinos”. Deixamos ficar algumas ideias apresentadas nessa altura.

Sem a pretensão de ser exaustivo, eis algumas mudanças importantes em curso na sociedade portuguesa:

— Envelhecimento da população portuguesa: a percentagem da população com 65 anos ou mais passará dos actuais 19% para 32% em 2050;

— Feminização da população activa: a percentagem de mulheres entre 15 e 64 anos com uma actividade remunerada fora de casa passou de 48% em 1974 para 70% em 2013;

— Jovens “nem-nem”: a percentagem de jovens entre 15 e 29 anos que não trabalham nem estudam passou de 10% em 2001 para 17% em 2012;

— A taxa de desemprego: passou de 4,2% em 2000 para 17% em 2013;

— Distribuição do rendimento: a percentagem do rendimento nacional pertencente aos 10% mais ricos passou de 18,8% em 1980 para 38,3% em 2005;

— Despesa pública: a percentagem da despesa pública no Produto Interno Bruto anda actualmente perto de 50%.

Estes dados são suficientes para mostrar que Portugal enfrenta problemas sociais muito difíceis (cerca de um terço da população será “idosa” daqui a 35 anos, a organização das famílias está a mudar muito, a grande percentagem de jovens “nem-nem” e a elevada taxa de desemprego vão deixar mazelas cujos efeitos irão perdurar por muitos anos, etc.), que para os quais não vai ser possível com mais nenhum aumento substancial da despesa pública como foi o caso, especialmente depois do 25 de Abril de 1974.

Mesmo que tal aumento fosse possível, lidar com esses problemas nunca dispensaria uma intervenção muito activa da sociedade civil e das suas organizações orientadas para a acção social, especialmente as que fazem um trabalho de proximidade, como é o caso dos Vicentinos. Por isso, infelizmente, não só no presente, mas também nos anos que aí vêm, o trabalho dos Vicentinos vai ser cada vez mais preciso.

**O nosso NIB:** 0045 1342 40035435340 43

**Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da Administração do Jornal):**

Conferência de Paço de Sousa,

A/C Jornal O Gaiato,

4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: [carvalho.mendes@sapo.pt](mailto:carvalho.mendes@sapo.pt)

Telem.: 965464058 □



Os nossos «Batatinhas» de Paço de Sousa

## PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

**GRUPO DE JOVENS** — Num Domingo passado veio um grupo de Sobrado participar na nossa Missa, juntando-se aos nossos Rapazes dos cânticos. Foi um dia de convívio. Almoçaram connosco e foram ao nosso bar. Depois fizemos todos um jogo de futebol. Também os nossos «Batatinhas» ficaram contentes com estes jovens amigos.

**VACARIA** — Nasceram mais dois vitelinhos e outros dois morreram antes de estarem formados. A natureza tem destas coisas. As nossas vacuinhas continuam a dar o leite para o nosso consumo, que é importante para o nosso desenvolvimento. Até o estrume da vacaria se aproveita para adubar os campos e a nossa horta.

**RAMPA** — O sr. Faustino e o Paulo «Mudo» andam a arranjar o corrimão das rampas da casa 3. Primeiro colocaram pilares de pedra e depois troncos de madeira a fazer o corrimão. O trabalho ficou bem feito e bonito. Agora falta arranjar o outro lado das rampas.

**CAMPO** — O «Meno» já fez a sementeira das ervas de inverno. São vários tipos de sementes que depois irão crescer e cobrir os nossos terrenos de verde. Quando chegar a Primavera será feita a colheita das ervas com que se fará a silagem para o nosso gado. Esperamos que a colheita venha a ser boa. □



## DOCTRINA

Pai Américo

### Eu vim para servir

Do Evangelho

O apostolado das massas pobres e trabalhadoras há-de ser feito com um braço no coração dos grandes e o outro à porta dos pequenos, sempre de rastos, no meio de sacrifícios de que ninguém dê fé; chamando a todos pelo seu nome, ouvindo os seus queixumes, conhecendo-lhes a vida, suportando-lhes a ingratidão, deixando-se enganar vezes sem conta, sentindo tudo como quem não sente nada.

Se abusivamente nos tiram as botas, pois que levem também as calças; e se maliciosamente nos fazem andar passos sem

número, pois que andemos nós léguas sem conta.

O Reino dos Céus é dos violentos. É precisamente pela violência destas pequeninas coisas que as massas desertoras hão-de reflectir nas nossas boas obras e glorificar depois o Pai Celeste, acreditando finalmente nos sacerdotes e ouvindo os seus ensinamentos.

Aquela lição estupenda que me deu um sacerdote à porta da sua igreja, numa confidência luminosa, a luz

da Graça divina na alma daquele apóstolo: «É convicção minha — disse — que no meio do meu povo eu não tenho direitos, nem regalias nem privilégios nem coisa nenhuma; e, quando lhes falo do supedâneo do meu altar, estando alto, sinto-me o mais pequenino de todos». Com infinita e comovedora reverência, a Sopa beija a mão deste cura de aldeia que está para servir e não para ser servido, tido em conta de coisa nenhuma, fazendo-se tudo para todos — apostolado.

CHEGA-SE à noite completamente cansado, nada feito e as mãos sujas!... Pisamos terrenos de que toda a gente foge; lidamos em zonas de muita miséria moral. É pre-

ciso sair fora da igreja, combater por todas os lados, perder a vida... para ganhar a Vida.

AS duas Colónias de Verão que a Sopa espera levar a cabo, são uma esperança risonha de apostolado vivo no meio de gente pobre. Grupos de raparigas das fábricas de Coimbra, capazes de saborear um retiro de três dias pregado por um apóstolo que se deixe trair na linguagem, como outrora Pedro, falando à moda do Mestre! E desta maneira, por meios dos próprios operários, há-de entrar Cristo no meio dos operários; porque somente por eles pode entrar Ele no que é Seu.

AGORA que os homens da nossa Pátria pro-

curam entronizar Cristo nas escolas — o pensamento cristão, dizem — esta Sopa dos Pobres dá mais um passo e vai um nada mais longe. Nem símbolo nem pensamento — vida. Jesus veio para que cada mortal que aparece no mundo tenham em si a vida d'Ele — o espanto de Nicodemos! (...) Quem, no mundo, acolhe a missão deliciosamente amarga de servir o Pobre, aprende na vida dele coisas que o mundo ignora; e sente a necessidade urgente de amparar crianças de certos lares, onde a vida moral não existe. Nós queremos evitar que estas crianças abandonadas se venham a sentar amanhã no banco dos réus; e, para isso, pedimos as tuas migalhas.

## SETÚBAL

Padre Acílio

## Lançamento de um livro

FOI no Dia de Todos-os-Santos, no Lar do Gaiato, na cidade de Setúbal, que o Dr. José Rogério apresentou o seu livro: *Caminhos da vida*.

Que eu saiba, é o primeiro rapaz da Casa do Gaiato de Setúbal que se abalança a editar uma obra literária.

O Rogério veio de Setúbal, das azinhagas do Mal Talhado, em pequeno, para esta Casa em virtude da sua avó e única tutora se encontrar muito doente, sem esperança de cura.

Aqui se fez homem!

Com o sétimo ano completo, daquele tempo, responsabilizou-se pela Telescola, assumindo a sua direcção.

Fez a guerra do Ultramar na Guiné. Casou e passou dois anos foi para os Açores. Continuou a estudar e chegou a dar aulas na Universidade de Ponta Delgada.

Entrou para a SATA — Companhia Aérea dos Açores — subindo ao lugar de primeiro responsável da segurança daquela empresa. Correu o mundo todo, inspeccionando aeroportos nas mais diversas paragens do Globo.

Foi Presidente do Conselho Central das Conferências Vicentinas da Diocese dos Açores durante dois mandatos.

Tem dois filhos, ambos formados, um dos quais é director da SATA. Reformou-se, compilou escritos e escreveu de novo. É um volume de 462 páginas, onde o autor revela a sua alma límpida, a vida dura e feliz e a arte de escrever.

Fala da sua família, com raro encanto, dando motivos ao Fundador das Casas do Gaiato: «*Aqueles que perderam a família, não esqueceram jamais o gosto dela*».

Descreve com habilidade e poesia os cantos e recantos da sua meninice, o convívio dos seus amigos, dando-nos uma imagem real do que era Setúbal há 60 anos. Pinta

com lirismo e beleza uma área enorme, selvagem e agrícola no concelho de Almada, “*a Penajóia*”, onde viveu em menino alguns tempos.

Para a apresentação convidou também os Gaiatos da sua época e do seu nível! Foi para mim uma alegria enorme, ver juntos uma pleiade de rapazes, já avós, com maturidade para apreciar a vida e a obra.

Convocou a Câmara de Setúbal, que compareceu com a sua presidente e dois vereadores. Juntou a sua família: irmãos, cunhados, sobrinhos, primos, tios e amigos.

Apresentou o autor e o livro um professor seu, já reformado, pessoa que evidenciou valores nas palavras, nos gestos e nas ideias. Diria que foi uma tarde de glória para a Casa do Gaiato e um argumento irrefutável da sua pedagogia.

A nossa técnica é o amor e a família. Os resultados confirmam-no.

## Feira da ladra

O Lions clube de Setúbal, como de costume, há 30 anos, pôs de pé, outra

vez, uma feira da ladra a nosso favor, no Pavilhão dos Bombeiros Voluntários, junto à lota, nos últimos 30, 31 e 1 de Novembro.

Vários anos temos dado notícia desta iniciativa solidária, realçando um ou outro aspecto que mais nos tocou. O carinho manifestado por estas pessoas para com os Gaiatos, é evidente, mas torna-se mais luminoso quando contemplamos o cuidado, os sacrifícios e o empenho de todos no êxito desta acção.

Os tempos são adversos a actividades desta natureza pelo facto de o dinheiro ser reduzido no bolso de quase toda a gente. Por essas e outras razões, também a feira da ladra atinge níveis de persistência e generosidade inigualáveis a outras épocas.

Eu vi com os meus olhos, senhoras e homens já de poucas forças, a carregar, a arrumar e a desdenharem-se com paixão pelo melhor êxito da feira.

Sob o ponto de vista financeiro, foi a mais fraca de sempre, mas sob o ponto de vista humano e sobrenatural, talvez a mais rica.

Parabéns ao Clube e a nossa gratidão às *Companheiras e Companheiros!* □

## BENGUELA

Padre Manuel António

## A Justiça impõe o respeito dos direitos de cada um

VIVEMOS para nos amarmos sinceramente como irmãos. Por isso, amemo-nos intensamente uns aos outros, de todo o coração. Deste modo, seremos verdadeiramente livres. O egoísmo não terá força dominadora da nossa forma de vida. Os prazeres carnis de toda a espécie serão vencidos pela caridade. Amar o próximo como a nós mesmos encerra toda a Lei. Esta verdade profunda, pois enche os nossos sentimentos, pensamentos e desejos, é testemunhada e aceite, a partir da experiência de cada um de nós. Não basta a teoria em temas tão vitais como este. O argumento convincente é a experiência. Vamos, pois, caminhar em frente, neste sentido. Esta é a vocação de cada pessoa. Por isso, é o caminho da felicidade de cada pessoa, de cada casal, de cada família. Vivi, há dias, momentos maravilhosos desta verdade. Um casal manifestou o desejo, há cerca de 9 anos, de acolher uma criança da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Conhecemo-nos em Portugal, numa consulta cardiológica. No ambiente de confiança, gerado num desses momentos, fiz-lhe a proposta de ir até Angola para conhecer o ambiente humano, sobretudo. Seria também uma oportunidade para o enriquecimento da sua personalidade. Recebi a resposta imediata: «E se eu me apaixonar por Angola? Tenho mulher e 5 filhos». Calei-me impressionado. A proposta, porém, ficou gravada no seu coração generoso e cheio de amor.

Após o meu regresso à Casa do Gaiato de Benguela, passado pouco tempo, recebo o dom maravilhoso da notícia do casal admirável a propor-me o envio dum menino para ser criado e educado como um dos seus filhos. Um gesto heróico, pois já tinha 5 filhos! Aconteceu que a nossa Casa do Gaiato de Benguela tinha, entre a multidão dos seus filhos, um menino de 7 anos, com uma corcunda muito saliente na coluna vertebral. Não havia pos-

sibilidade de cura, em Benguela. O senhor doutor e sua esposa aceitaram este filho, para ser curado e ficar com eles. Sempre que venho a Portugal, vou visitar e conviver algum tempo com esta família e os seus filhos, entre os quais está o Manuel que tinha o apelido de Missão. Assim aconteceu, há poucos dias, num almoço cheio de intimidade familiar. O Manuel tem, agora, 16 anos. Está um rapaz feliz e completamente curado. Eis o fruto admirável do amor! Este exemplo é um foco de luz que deve iluminar a vida de todos e cada um de nós. A nossa felicidade e fecundidade estão na partilha do que somos e temos, dentro das possibilidades de cada um. A nossa vida está cem por cento dependente desta forma de estar.

Outros momentos felizes foram os encontros com alguns rapazes e suas famílias, criados e educados na Casa do Gaiato. São o fruto do Amor. Agora mesmo, fui

interrompido por um deles, já mais velho, que veio cumprimentar-me. O meu coração, nesta hora, voa para a nossa querida Angola, onde multidões de crianças esperam a hora de nascerem na nossa Casa do Gaiato de Benguela para terem a família de que necessitam para se prepararem para a vida digna de cidadão. Quem nos dera não faltassem as ajudas necessárias para cumprirmos esta missão! Só com o amor nos corações é possível animar a justiça que impõe o respeito dos direitos de cada um. Vamos amar os outros como a nós mesmos. Os empresários abram os corações das suas empresas com as pedras preciosas das suas ofertas para esta causa. Desta forma, a solidez do edifício empresarial está mais garantida. Procedam, de igual modo, as pessoas particulares e comunidades. É, sem dúvida, um caminho estreito, mas seguro. O sofrimento acompanha os passos de quem ama. Por isso, não estranhemos nem deixemos de amar, porque temos medo do sofrimento.

Quando vossos olhos poisarem nestas notas, já estarei, de novo, na nossa querida Casa do Gaiato de Benguela. Como é habitual, recebi com todo o carinho um beijinho dos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. □

## O MEU CÁLICE ROTO...

Padre João

QUISERA possuir um cálice de ouro fino... bem o mereço o Mistério de cada missa celebrada! Quisera possuí-lo, sim, para contrapor a todos os que atacam a Igreja, porque — dizem — é rica e poderosa...

Mas não... O meu cálice é um cálice roto! É um cálice que pertenceu a um ilustre Cónego da Igreja Conimbricense, agora jubilado. Não é de ouro, nem de outra matéria supostamente preciosa. Ostenta no pé gravada uma cruz e uma data que, certamente, evoca a Ordenação Sacerdotal. Só pode ser!

Fiquei surpreendido ao descobri-lo entre as alfaias litúrgicas do nosso Lar do Gaiato de Coimbra já que o supunha na casa da Praia de Mira — a casa mais escondida ao longo do ano, talvez, por isso, roto...!

Através de pessoa amiga man-

dei-o reparar, mas sem êxito pois continuava a verter o «Preciosíssimo» manchando, «corporal e sanguíneo», frequentemente. Enquanto me apressava a «embeber» as divinas gotas, dava comigo a meditar em tantos outros «derrames» que assolam inúmeras vidas humanas, um dia tocadas pelo «divino», no Santo Baptismo e na unção sagrada do Crisma...

Sem descurar, de novo, a reparação do sagrado vaso, habituei-me a adorar, mais fervorosamente, o mistério da Eucaristia na dimensão do «Santo Sacrifício». Intuí, naquele «ressumar», o Mistério do Calvário que se repete, sacramentalmente, de forma inaudita e indizível, na celebração de cada missa.

Quantas vítimas da violência doméstica, de abusos sexuais e de outras brutalidades praticadas, nomeadamente, contra os velhos,

## VINDE VER!

Padre Quim

## Obra das Suas mãos

O Autor da criação ofereceu aos seres humanos o privilégio singular de estar no centro de quanto do nada veio a existir. Ele é a coroa da Obra. Quis a vontade divina e assim aconteceu. E viu que tudo era bom! Desde então, o homem foi chamado a colaborar arduamente, pela acção do trabalho de cada dia, para ganhar o pão da sua subsistência com o suor do seu rosto. Este suor é como o orvalho da manhã, não só rega a terra mas também dignifica e santifica o labor diário. Todo o trabalho da Casa, segundo o nosso sistema, é obra das mãos dos Rapazes. Intento promissor na construção do futuro que começa em cada acção benéfica que se realiza em vista ao bem-comum. Os chamados, ontem, vadios da rua, na obediência dos seus chefes, realizam as suas tarefas, marcadas com zelo e verdadeiro amor. Não fazem para os de fora, por agora fazem para eles. A Obra é deles, para eles, e por eles. Cuidamos em orientar os chefes, saídos também da rua. São eles que tratam da Comunidade, dos mais pequeninos irmãos. Tudo no posto a tempo e horas. Não dormita hoje em matéria de educação aquele, que prepara o amanhã.

A sociedade deve pão e instrução aos filhos de ninguém que, por esse motivo, são os nossos filhos, aqueles que vêm parar em nossa Casa. Cruzar os braços, quando falta o apoio necessário à criança, é descentralizar e trair o projecto inicial do Criador. Não é justo substituir o ser frágil e inocente pelo ter que se fecha à partilha. Respeite-se o Direito da criança: pão e instrução. Muitas crianças não frequentam a Escola por não terem o que comer e o que vestir. O futuro escapa-se. E a miséria agrava-se! A sociedade, que não vive solidarizando-se pela causa dos pobres, cria os “perigosos” de amanhã. A nossa escola e oficinas têm sido tema de conversa, todos os dias, depois da oração, por serem sectores delicados na educação do Rapaz. Ele está dentro da classe que se prepara para ser trabalhador. E saborear de quanto vier a ganhar, com o seu trabalho. Espera o futuro com esta situação. O trabalho não necessita de estender a mão a ninguém, é moeda forte, é legítima defesa da miséria.

Depois de um tempo fora de Casa, o «Camilo» regressou. Todos pediram para que voltasse. Eu mantive-me duvidoso quanto à sua vinda e veio quando o coração subjugou a razão. De tantas e tantas que este tinha feito. E o mesmo voltou a tropeçar. Fui chamado a responder pelo seu mau comportamento em relação à apropriação de um bem alheio. O seu futuro posto de trabalho, ficou a tremer. Se falhar, ninguém fará por ele. O que não vai à Escola, além de ignorante, torna-se necessariamente um vadio. É a criança em perigo moral. Melhor seria trabalharmos todos juntos, para evita a marginalização dos inocentes. Por não ter pão, se faz vadio. Por não ter pão, se torna perigoso. E nas barras dos Tribunais são chamados a contas, aqueles mesmos a quem não demos pão e instrução, quando eram pequeninos. Assim, o garoto tirado da rua, toma gosto pela vida, é feliz. A conclusão é de Pai Américo: «*A criança da rua é nossa. É de cada um de nós. É um património da nação*». □

os indefesos, os frágeis de corpo e de espírito; as vítimas de monstruosas mentiras do mundo económico, de traficâncias sem paralelo que nos fazem recuar aos dinamos do velho «antropóide» que julgávamos já definitivamente vencido... Estava tudo ali, em cada gota contida naquele meu cálice roto.

A minha Acção de Graças, é acompanhada «deste» enxugar, sentido e devoto, como se limpasse o rosto do Senhor, escarnecido, vilipendiado pelo meu

pecado e pelo pecado da humanidade. Tenho que reparar o meu cálice roto... Mas não quero perder este «ressumar» que tanto me tem feito meditar no despojamento a que o Papa Francisco tem chamado a Igreja através de gestos especificamente pessoais e proféticos: a sua cruz peitoral, o seu anel, o seu modo de vestir e até de calçar; a pasta que transporta frequentemente consigo, são sinais significativos e normativos para o «preço» da reparação do «meu cálice roto». □

## MALANJE

Padre Rafael

## «Qual é o primeiro dos Mandamentos?»

ENTRAMOS no refeitório e encontramos quatro taças de café. Da cozinha ouviu-se uma voz alegre: «É melhor sentarem-se, já vou com o café...» Sentámo-nos e começou a servir-nos, enquanto continuava a brincar. Depois, sentou-se e apresentou-se: «Sou o Bispo; em que posso ajudá-los?»

Quando terminámos o café, mostrou-nos a capela, a igreja, o escritório... Depois, o álbum de fotos: celebrações, visitas pastorais, paisagens e... uma que nos atraiu a atenção. Era o Papa Francisco que estava almoçando em sua casa... Perguntei e respondeu-me: «Uma visita que me fez quando ele era Cardeal... Bergoglio e eu somos velhos amigos... são mais de 40 anos na Argentina», sorriu.

Finalmente sentámo-nos e começámos por informar o motivo da nossa visita... Chegada a hora de regressar, pareceu-me despedir-me de uma pessoa que conhecia há muito tempo. É verdade que há pessoas que, como as moedas, têm impresso o Amor de Deus e Lhe pertencem... Obrigado Pedro Olmedo.

\* \* \*

Há dias, o pequeno Manuel entra na sala-de-estar a chorar pela mão do chefe dos «Batatinhas»: «Padre Rafael, não faz mais que chorar». Assim, tive de recebê-lo nos meus braços, enquanto me distraía jogando cartas com alguns rapazes. Entretanto, acabou por adormecer e mandei que o deitassem na sua cama. Esta semana me está tocando fazer de mãe.

Manuel tem apenas 3 anos e chegou acompanhado de três irmãos de 7, 9 e 11 anos respectivamente. O pai faleceu há um par de anos e a mãe há um mês. Do Governo pediram-nos que recebêssemos pelo menos dois — como nas Casas do Gaiato sempre procuramos que os irmãos estejam juntos, acolhemos os quatro.

Estamos a 12 de Outubro. Este ano antecipamos a eleição de chefes. O Chefe-Maioral é o Cabanga, e com ele o Jacinto, o Jeremias, o Jassé, o Castemtem e o Zézinho. Os motivos são ter mais tempo para retransmitir responsabilidades e dedicar alguns Domingos, de tarde,

para fazer uma revisão do funcionamento da Casa.

O novo Chefe recordou a toda a Comunidade que entre nós há irmãos menos capacitados e devemos dedicar-lhes mais tempo. Amar o próximo tem de ser um dos nossos maiores objectivos em Casa. Terminou, pedindo a colaboração de todos para poder fazer da Casa do Gaiato uma Casa real.

Hoje, quando regressava da cidade, um pequeno acercou-se da janela do carro, a pedir dinheiro, para comprar pão. Depois de lhe dizer que não, dei-me conta que outro, do outro lado da rua, me cumprimentava. Era o nosso Mariano, que fugiu há quase meio ano. Segundo a sua versão, fugiu para estar com o seu irmão mais novo, que andava pela rua... era esse mesmo que me pedia para pão. Disse-lhes que já não tinham idade para andar a pedir na rua, que o seu pequeno irmão era sua responsabilidade e que ambos deviam voltar, definitivamente, para a nossa Casa do Gaiato.

Mariano tem 11 anos e o seu irmão tem 5. Regressaram à sua Casa. □



## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

A manifestação da Providência Divina tem sido contínua ao longo da minha vida, mas mais sentida desde que me fiz padre da rua e assumi o serviço dos Pobres numa doação a Deus.

Ao tomar conta do *Património dos Pobres*, não descortinava o que Deus me ia revelar e a doçura da Sua Mão Paterna.

A visita à casa dos Pobres aproxima-nos muito das realidades que Jesus adoptou para Se fazer Homem e pregar à Humanidade o indizível segredo do Reino de Deus.

Quando enviei para aquela paróquia do Centro de Portugal 9.150 euros, fiquei quase sem nada na conta, mas entendi que devia ser assim, para poder falar de conversão.

Não imaginava que tão depressa seria reposta a quantia dispendida e adiei apoio a duas necessidades urgentes: — *Pode ser que para o Natal tenha possibilidades...*

Como me enganei?! Como Deus, com o Seu olhar terno para a aflição dos Pobres, veio, apressado, ao meu encontro!...

A Maria Cármen põe num envelope, com carinho, um cartão a dizer que vai telefonar e manda 2000 euros, com muita pressa para repor parte do que eu mandei. A Inês, com expressões de amizade e de comunhão, endereça um cheque de 200 euros; e o mesmo faz a Maria Amélia, a Maria Filomena, o Jorge

e a Fernanda. Chegou mais de 350 euros, da Norma. 1200, da Maria João, duas vezes. 225, da Odete. 250, do António, por transferência. 100, de Oeiras, e mais 300, da Fernanda, que há muito reparte com os pobres através de mim.

Cinquenta, da Alice, da Figueira da Foz. 500, da Maria Emília; e 100, da Maria Teresa, de Coimbra. Mais, 70, dos meus amigos da Presa de Mira.

O Alfredo, meu companheiro de jornada à distância, escreve:

*Há muito tempo não lhe escrevo, mas não me tenho esquecido das boas obras que você pratica a favor dos pobres. Com efeito, tenho ofertado, várias vezes, por transferência, para a conta do Património dos Pobres, mas tenho preferido fazê-lo anonimamente. Hoje, achei que lhe queria dizer que tenho acompanhado pel'O GAIATO tudo o que tem feito para minorar as carências de que tem conhecimento. Bem-haja por isso, pois não sei como fazê-lo pelas minhas próprias mãos. Hoje, transferei um donativo para a mesma conta.*

— *Caro amigo, tenho saboreado a sua união como uma Graça de Deus que devo repartir sem descanso por aqueles a quem Deus ama e por eles sofre. Dói-me muito a hipocrisia dos homens que conduzem esta comunidade (?) europeia. Apregoam ir combater a pobreza nesta Europa esgotada, mas para*

*eles guardam prémios, ordenados e reformas, revoltantes, sem qualquer pejo ou vergonha!. Onde nascem esses rios de dinheiro?! Não é dos contribuintes? Não?! De onde é então?*

*Meu amigo, Deus e o dinheiro são dois inimigos irreconciliáveis — disse-o a Sabedoria que tudo sabe e domina. Bem sentiram esses seguidores do vil metal, arredando Deus da Constituição Europeia, para serem eles os deuses.*

*A luta contra a pobreza fazem-na os que têm o coração de pobre. Não aqueles que amealham para si e vivem faustosamente. Não sei se a luta contra a pobreza, na Europa, não é um truque para que à sua custa alguns se alcandorem a lugares bem pagos. Não sei. Só vejo que tudo se transforma numa fantástica miragem.*

Tenho, agora, uma setubalense que há muitos anos vive na Capital. Nunca se esqueceu da sua cidade, menos ainda dos Pobres que nela habitam. Acompanha-me, desde que vim para Setúbal, com o marido — gente cristã de coração pobre — manda-me tanto quanto eu dei, 9150 euros e esta bonita carta, assinada por ambos, com cristalina gratidão a Deus!

*«Os exemplos vêm de cima. A sua rápida decisão impressionou-nos! E decidimos ajudá-lo! Ficamos duplamente felizes! Aceite um xi coração de nós dois.»*

Que demonstrar após estas provas? Só os cegos não vêem! Sim, só os cegos pelo dinheiro! □

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

PERTURBA-SE a minha mente quando ao querer educar os nossos Rapazes, estou a conviver com adultos de problemas proporcionalmente muito mais graves. Há falta de sentido de justiça, de paz nos lares e de amor consequente. A injustiça é um problema universal e tão complicado, que até as Nações Unidas se desagregam por incompatibilidades entre países representados no grande areópago. Há apelos para não deixar morrer crianças e adultos à fome ou vítimas da guerra e aparecem fundos para atenuar as catástrofes. Mas imperam, bem acima de tudo, os interesses económicos que não são apenas dos Estados, que continuam a pôr e sobrepor riquezas que são de todos e amontoam os cadáveres dos trabalhadores, que com suor e sangue as produzem e as tornam veneno para os seus próprios corpos. Não há uma voz autorizada para dizer basta. Só a Fé, que arrasa montanhas, poderá moderar os instintos assassinos dos grandes grupos. Mas as religiões também favorecem os ricos e lhes reservam um lugar de honra nas assembleias. A nossa, católica, continua a ser um “pusillus grex” como lhe chamou Jesus, um pequenino rebanho, que escuta a palavra do seu Pastor Francisco, tão simples, mas que demora a assimilar, para que cada cristão individualmente se fortaleça, e revestido das armas da Fé, enfrente a luta contra este mundo de trevas. À nossa volta a filosofia de vida é a mesma, em proporções desproporcionadas, porque estamos num País em formação, que em bem poucos anos emparelhou com os mais ricos em estilo de pirâmide. Na ordem social, a injustiça produz revoltas em quem nada tem e, por isso, nada tem a perder. A família é o único reduto da formação do homem. Muito se diz de bom no Povo moçambicano, mas tem os seus hábitos e tradições, cicatrizes, também, do tempo colonial que, agora, aglutinadas no consciente da independência, se interligam e reforçam. Tudo o que atrás fica dito, marca-o com sentimentos que sedimentam mansamente, mas geram reacções também. Roubar a quem pouco tem ou matar para roubar ou matar a quem roubou é a mesma coisa. Não entro na linha dos sequestros, que esses ou são comandados à distância pela máfia do dinheiro ou por cópia são orquestrados por espertos, manipulando os que nada têm, que esfomeados aproveitam a oportunidade de apanhar um pouco do bolo. Há, também, os oportunistas e, aqui, mexem connosco, arranjam esquemas para os seus negócios, servindo-se do seu lugar e posição no trabalho, para roubar e desviar a desconfiança para os colegas. Se formos a analisar, são pais que em casa não vivem bem. Há maus tratos à esposa e filhos. Há uma inconsciente mania de grandeza, que se manifesta em carro novo ou empresa próspera, à custa de roubos encapados, com jantares em grupos de amigos, com iguarias roubadas, negligência sorradeira do trabalho, driblando os até então amigos, em atitudes estudadas que perturbam o nosso viver e o relacionamento com trabalhadores inocentes ou tolhidos pelo medo. Para onde vais Moçambique com gente assim?! □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

pobres que nada esperam da sociedade, mas da justiça e misericórdia divina. *O pouco, com Deus, é muito; o muito, sem Deus, é nada.*

Não há lugar para a indiferença diante de realidades dolorosas, como esta: quase duas crianças morrem de fome por segundo. O Senhor disse: *Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egipto, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspectores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos.* E enviou Moisés para o libertar dessa escravidão. E chama sempre, ao longo da história humana, todos e cada um, assim O escutemos. Nas histórias das guerras, centramo-nos naqueles que sofrem as desgraças e humilhações. Sem esperança, não se pode caminhar; e o sentido da vida vai-se descobrindo quando se deixam as seguranças e o isolamento, para encontrar a profundidade do humano, em que se toca o mistério do divino.

Nunca é demais realçar, na acção eclesial, o papel da rede mundial da Sociedade de S. Vicente de Paulo, cujas Conferências simples e rasteirinhas estão legitimadas pela devoção do encontro pessoal com os pobres. Frederico Ozanam escreveu assim, aos 23 anos: *Só vemos a Deus com os olhos da fé, e é tão débil! Mas os pobres, vemo-los com os olhos da carne, podemos pôr o dedo e a mão nas suas chagas, e as marcas da coroa de espinhos são visíveis nas suas fronteiras. Eles são para nós imagens sagradas desse Deus que não vemos.*

Há mentalidades e tendências para burocratizar e até impedir o palmilhar da acção social na gratuidade, de ajuda aos mais pobres. É certo que isto não dispensa a organização de *fazer bem feito o bem*. De mãos dadas com vicentinos (grande escola de Caridade!), que conhecem bem as *periferias*, tem sido uma das vertentes frutuosas que nos vai inquietando e fortifica. Bastou o pregão: — *Bens alimentares são sempre precisos!* É uma urgência muito exigida neste tempo de incerteza laboral e financeira, em que têm crescido os agregados familiares à míngua. A Caridade nunca murcha; mas tem de ser cuidada todos os dias, nos canteiros das ruas e das casas. E dos tugúrios, como este em que escutámos uma aflição: — *Preciso de ajuda para a renda de casa.* É um cubículo acanhado e insalubre, quando a chuva vai chegando e a cair a potes. O cristão é um dilacerado, na esperança da manifestação gloriosa de Cristo.

Ficou-nos, ainda, nessas insónias uma mãe humilde que teve de deixar o seu filho enfermo num quartito modesto para ganhar o pão a cuidar de velhinhos: — *Fico triste e preocupada...* Dar a mão, advogando a causa da justiça e da promoção humana, é um risco (pode ser uma transgressão). Contudo, é uma certeza: nos últimos, encontramos a própria imagem do rosto de Jesus! □